

CÍNTIA MAGON DOS SANTOS

**AS LITERATURAS ESCOLANOVISTAS DOS GRANDES EDUCADORES
BRASILEIROS**

Rio de Janeiro

2005

Cíntia Magon dos Santos

**AS LITERATURAS ESCOLANOVISTAS DOS GRANDES EDUCADORES
BRASILEIROS**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em
Pedagogia

Rio de Janeiro

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
CURSO DE PEDAGOGIA
TURMA: 2001351018
Cíntia Magon dos Santos

**AS LITRATURAS ESCOLANOVISTAS DOS GRANDES EDUCADORES
BRASILEIROS**

Rio de Janeiro
2005

Cíntia Magon dos Santos

**AS LITERATURAS ESCOLANOVISTAS DOS GRANDES EDUCADORES
BRASILEIROS**

Avaliado Por:

Profa. Lígia Martha

Data -----/-----/-----

Rio de Janeiro
2005

DEDICATÓRIA

A DEUS PELA FORÇA
AOS MEUS PAIS PELO CARINHO
AOS MEUS IRMÃOS PELA AJUDA
E AOS MEUS SOBRINHOS PELA A ALEGRIA EM
TÊ-LOS COMIGO

AGREDECIMENTOS

A MINHA ORIENTADORA DAYSE HORA PELA SUA FORÇA E SABEDORIA QUE ME AJUDOU NA REALIZAÇÃO DESTE TRABALHO

AOS MEUS AMIGOS QUE ME DERAM FORÇA PARA CONTINUAR COM A PESQUISA

E AS PROFESSORAS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO AJUDANDO NA FINALIZAÇÃO DESTA PESQUISA.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as literaturas estrangeiras dos autores selecionados (Adolphe Ferrière, John Dewey e Maria Montessori) comparando-os com as propostas educacionais dos pioneiros brasileiros: Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Por meio dessas investigações, pude identificar a contribuição que estas obras tiveram na elaboração do currículo brasileiro. A metodologia aplicada para realização deste estudo, foi a análise bibliográfica e a pesquisa de campo com ex-normalistas do Instituto de Educação. Foram obtidas consideráveis informações constatando que as obras estrangeiras que revelaram o movimento da Escola Nova, promoveram mudanças significativas no âmbito escolar brasileiro, desenvolvendo assim, uma outra concepção de educação, que envolvia a prática social, com o objetivo de buscar um novo olhar crítico e motivador no ensino, tendo como eixo central o aluno. Tomando como base essas obras magistrais, nossos pioneiros escolanovistas consolidaram suas propostas abordando questões sociais dentro do cotidiano escolar. Para Anísio Teixeira, a escola deveria formar indivíduos aptos a refletir sobre sua inserção na sociedade, considerando-se a sua liberdade individual. Estas idéias estavam de acordo com o pensamento de John Dewey, ressaltando a escola como um local onde as experiências individuais se organizam. No parecer de Fernando de Azevedo era defendida uma educação para todos, pois o conhecimento ajuda o indivíduo a vencer obstáculos da vida. Adolphe Ferrière também um grande defensor da escola pública, advertia que o ensino dirigido à população, deveria conservar a personalidade da criança, não agindo em sentido contrário às suas necessidades e interesses. Já Lourenço Filho, desenvolveu o estudo dos processos psicológicos e comportamentais no contexto escolar, com a finalidade de entender melhor os comportamentos infantis, tanto psicológicos quando físicos. A educação apoiada nas ciências comportamentais havia sido feita por Maria Montessori, por meio das idéias de instrução individualizada da técnica em observar as crianças. Montessori constatou importantes características infantis, antes ignoradas pelos educadores, como a repetição do exercício, liberdade, o silêncio e a individualidade. Desta forma os conceitos destas obras estrangeiras, mudaram a finalidade da educação no Brasil. Antes a instrução desempenhada na escola, era só para doutrinar o sujeito, com a divulgação dessas descobertas pelos pioneiros brasileiros, foi possibilitado um ensino mais dinâmico e consciente. Um exemplo desta mudança foi à elaboração do currículo do Instituto de Educação, tornando-se um terreno fértil às novas experiências escolanovistas. Nos relatos das ex-normalistas, ao descreverem como eram administradas as aulas, afirmaram que os professores ensinavam a teoria por meio da prática. Esta característica na aula, é reflexo deste movimento inovador, o “aprender fazendo”. Portanto a análise documental e da literatura pertinente, nos permitiu concluir que esses escolanovistas brasileiros com base das literaturas estrangeiras, consideram a educação junto à economia e à política como fator importante para o crescimento de um país. A escola não deve ser um elemento isolado da sociedade, mas deve associar-se às novas descobertas para exercer seu papel de integrar o indivíduo ao novo mundo.

Palavras-Chave: Escola Nova, Currículo, História da Educação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I – As origens de uma nova concepção de ensino	13
1.1 Construindo nas escolas a alegria de aprender	14
1.2 Princípios para alcançar uma educação ideal que prepare o aluno para a vida	18
1.3 A educação estruturada no desenvolvimento infantil	22
CAPITULO II - A descoberta de uma nova metodologia de ensino:	
2.1 As fontes bibliográficas de Anísio Teixeira que fortaleceram as suas propostas educativas	27
2.2 O desenvolvimento das idéias educacionais de Lourenço Filho	32
As fontes bibliográficas de Fernando de Azevedo	35
CAPITULO III - As influências dessas literaturas estrangeiras escolanovistas na formação dos professores do instituto de educação:	
3.1 As experiências educacionais das alunas do Instituto de Educação	40
3.2 A análise das experiências dessas normalistas com as propostas das obras escolanovistas estrangeiras	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
BIBLIOGRAFIA	53

INTRODUÇÃO

O interesse neste tema “As literaturas escolanovistas dos grandes educadores” surgiu dos encontros do grupo de pesquisa da professora Dayse Hora, que investiga a relação entre as práticas de “Saúde, Educação e Pesquisa”. Ambos os trabalhos de pesquisa enfocam o conceito da Escola Nova; um conjunto de idéias que tinha como finalidade promover mudanças estruturais e significativas no âmbito escolar, desenvolvendo assim, uma outra concepção de educação, que envolvia a prática social, com objetivos de buscar um novo olhar crítico e motivador sobre o aluno. Com base neste paradigma, construí um trabalho de monografia sobre as influências que escolanovistas brasileiros tiveram das obras estrangeiras, para a elaboração de suas propostas educacionais.

A justificativa em pesquisar tais influências reside em conhecer qual foi o grau de contribuição que cada autor escolanovista estrangeiro teve nas propostas dos autores brasileiros. São muitos os estudos sobre estes autores brasileiros, entretanto, pouco se estuda sobre a literatura que influenciou o trabalho destes escolanovistas. Assim parti do pressuposto que a análise destas obras-mestras contribuirá para localizar a importância que estas literaturas tiveram na construção, não somente do currículo da escola normal do Distrito Federal, como também do projeto da Escola Nova no Brasil.

A metodologia utilizada para realização desta pesquisa, foi uma análise bibliográfica das obras escolanovistas e uma pesquisa de campo com ex-normalistas do Instituto de Educação. A coleta de dados de cunho bibliográfico foi realizada utilizando os acervos da Biblioteca Nacional; Biblioteca da UNIRIO; Biblioteca do Antigo Instituto de Educação; Biblioteca da UFRJ e também pesquisas realizadas na Internet com a finalidade de buscar novas informações que comprovem tais influências.

Com base nesses dados, a presente pesquisa foi desenvolvida em quatro objetivos, que estão apresentados abaixo:

- O primeiro objetivo foi a investigação das literaturas estrangeiras dos autores selecionados. Nesta primeira etapa da pesquisa foram selecionados três autores estrangeiros¹: Adolphe Ferrière, John Dewey e Maria Montessori apresentando suas propostas educacionais;
- O segundo objetivo foi identificar quais eram as fontes dos pioneiros escolanovistas brasileiros, que ajudaram a defender o projeto da Escola Nova no Brasil. Nesta segunda etapa analisei as propostas dos autores brasileiros: Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo com as propostas dos autores estrangeiros citados, com a finalidade de identificar tais influências em seus ideais de educação;
- O terceiro objetivo foi examinar quais eram as novas literaturas recomendadas para as alunas da Escola Normal do Distrito Federal. Nesta terceira etapa foram realizadas uma pesquisa de campo com ex-normalistas do Instituto de Educação da Década de 1930 a 1940, identificando em seus depoimentos se as literaturas recomendadas pelos seus professores eram as obras escolanovistas estrangeiras.
- O quarto objetivo foi certificar se a metodologia do Instituto de Educação seguia as orientações dos escolanovistas estrangeiros. Com base nos dados obtidos na entrevista, verifiquei se o que era proposto nas literaturas escolanovista estrangeiras era realizado no cotidiano escolar dessas ex-normalistas.

Por meio dessas análises bibliográficas e das entrevistas das ex-normalistas, pretendi demonstrar em que medida as propostas de nossos educadores e, conseqüentemente, o currículo brasileiro foi resultado de investigações de obras estrangeiras.

A expressão Escola Nova está ligada a um novo tratamento dos problemas da educação. Não se refere a um tipo de escola ou um único sistema didático determinado, mas um conjunto de princípios e tendências que priorizava compreender as necessidades da

¹ Selecionamos autores que foram traduzidos e publicados no Brasil, principalmente, pela Companhia Editora Nacional.

infância. Este movimento teve por inspiração os estudos da Biologia e da Psicologia. Mas, depois o movimento alargou estes estudos, para relacionar a função da escola nas mudanças da vida social.

Após terem tido acesso à literatura produzida pelo movimento na Europa e pelo movimento progressivista em educação no Estados Unidos, os estudiosos brasileiros iniciaram o movimento da Escola Nova em nosso país, com o objetivo de lutar pela democratização da educação brasileira e pela aplicação dos conhecimentos das ciências humanas na organização de um sistema moderno e eficiente, capaz de contribuir para a disseminação de conhecimentos úteis para vida real de uma sociedade em mudança.

Cada escolanovista brasileiro divulgou a concepção da Escola Nova expondo o seu ponto de vista. Para Lourenço Filho o objetivo do movimento da Escola Nova é ser um instrumento eficaz na conscientização da sociedade, enfatizando que:

Em cada época, a consciência social dos problemas educacionais na escola se revela, por sua organização, formas de trabalho, e transformações com que se reajuste as novas situações e novos fins sentidos como desejáveis. O movimento de nosso tempo não tem representado senão um grande esforço no sentido desse reajustamento, segundo novas bases colhidas do estudo daquela realidade e do ensino de uma instrumentação, mas eficaz para a consecução de tais objetivos (LOURENÇO, 1930, p.16).

Fernando de Azevedo defendia a Escola Nova – ou Educação Nova como o desenvolvimento de técnicas novas para um processo de ensino de qualidade. O autor ressaltar que :

Toda a variedade de planos e de experiências em que se introduziram idéias e técnicas novas (como os métodos ativos, a substituição das provas tradicionais pelos testes, a adaptação do ensino às fases de desenvolvimento e às variações individuais) ou que trouxessem, na reorganização de estruturas ou num processo de ensino, o selo da novidade. (AZEVEDO, 1958, p. 179).

Anísio Teixeira aborda uma questão apontada pelo movimento escolanovista que é a integração da escola com a sociedade construindo nos alunos uma consciência social, pois na

escola o indivíduo adquire valores, tendo assim condições para formar a sua identidade.

Segundo Anísio Teixeira:

Como a escola visa formar o homem para o modo de vida democrático, toda ela deve procurar, desde o início, mostrar que o indivíduo, em si e por si, é somente necessidades e importância; que só existe em função dos outros e por causa dos outros; que sua ação é sempre uma trans-ação com as coisas e pessoas e que saber é um conjunto de conceitos e operações destinados a atender àquelas necessidades, pela manipulação acertada e adequada das coisas e pela cooperação com os outros no trabalho que, hoje é sempre de grupo, cada um dependendo de todos e todos dependendo de cada um. (TEIXEIRA, 1956. p. 10)

Dentro da proposta política e pedagógica, a importância em pesquisar estas literaturas reside em conhecer qual foi o grau de contribuição que cada autor estrangeiro selecionado como: John Dewey, Maria Montessori, e Adolphe Ferrière tiveram na construção das propostas educacionais dos autores brasileiros como: Lourenço Filho, Anísio Teixeira, e Fernando de Azevedo, trazendo assim ao Brasil uma educação voltada à interação com a sociedade vigente.

Portanto, por meio da investigação das influências das obras estrangeiras na construção das propostas educacionais de nossos pioneiros, poderemos conhecer melhor a elaboração do currículo brasileiro, já que estas propostas sofreram influências das teorias desses autores estrangeiros. Compreendendo essa construção, conheceremos como foi formada a nossa própria identidade, construída ao longo dos anos.

CAPITULO I

AS ORIGENS DE UMA NOVA CONCEPÇÃO DE ENSINO

O movimento da Escola Nova se tornou um verdadeiro marco na história das ciências da educação no século XX. As propostas que regiam este movimento eram extremamente revolucionárias, pois colocavam o aluno no centro do processo educativo, protagonista do processo ensino-aprendizagem, construtor do próprio conhecimento. Os conteúdos de Biologia e Psicologia foram introduzidos na educação com o intuito de compreender melhor as reais necessidades da infância, com o aprofundamento desses estudos percebia-se que o desenvolvimento humano não era independente, ao contrário, sofria influências da vida social.

Com as literaturas européias e americanas chegando ao Brasil, os nossos pioneiros escolanovistas divulgaram a concepção desse movimento através de suas propostas educacionais. Com a criação da Associação Brasileira de Educação em 1924, os escolanovistas brasileiros estiveram à frente de diversas reformas educacionais, em vários Estados durante a década de 1920.

As idéias dos nossos escolanovistas eram precisamente transmitir aos educadores brasileiros as novas descobertas em pedagogia, que deveriam ser solidamente apoiadas nos conhecimentos da Psicologia e da Sociologia, e às novas ciências que vinham revolucionar o tratamento tradicional dado aos fenômenos humanos pelo pensamento filosóficos. Era preciso basear as decisões sobre métodos e processos educativos em conhecimentos científicos.

O projeto escolanovista no Brasil teve como finalidade a transformação dos métodos educativos. A escola renovada deve acompanhar as transformações sociais da modernidade, integrando-se à comunidade e propiciando o avanço da democracia. Porém para realizar tal feito, a escola deveria também modificar seus métodos.

Por meio das reformas do ensino efetivadas em vários estados brasileiros, os ideais de renovação educacional amadureceram e consolidaram-se em meados do século XX, quando novas iniciativas de mudança escolar continuaram ocorrendo.

A análise das literaturas estrangeiras que serviram de inspiração para os nossos pioneiros, será apresentada em forma de subtítulos utilizando-se das propostas centrais dos autores estrangeiros selecionados como: Adolphe Ferrière, John Dewey, Maria Montessori. Expondo o conceito de educação de cada autor estrangeiro selecionado.

1.1 Construindo nas escolas a alegria de aprender.



Adolphe Ferrière (1879-1960) criticava a escola tradicional existente, comparando-a como uma criação diabólica, esta relação está na publicação da historieta em 1920 em um livro chamado *Transformons l' école*, que foi traduzido para língua portuguesa, em 1928 com o seguinte título (transformemos a Escola. Apelo aos pais e as autoridades), na qual dizia:

Um belo dia, deu o diabo uma saltada à terra, e verificou, não sem despeito, que ainda cá se encontravam homens que acreditassem no bem. Como não falta a Belzebu um fino espírito de observação, pouco tardou em se aperceber que essas criaturas apresentavam caracteres comuns: eram boas, e por isso acreditavam no bem; eram felizes, e por consequência boas; viviam tranqüilas, e por isso eram felizes. O diabo concluiu, do seu ponto de vista,

que as coisas não iam bem, e que se tornavam necessário modificar isto. E disse consigo: A infância é o porvir da raça; começemos, pois, pela infância. E apresentou para os homens da sociedade. Deus, disse Belzebu, exige a modificação da carne, e é mister começar desde criança. A alegria é pecado. Rir é uma blasfêmia. As crianças não devem conhecer alegrias nem risos. O amor de mãe é um perigo: afemina a alma dum rapaz; é preciso separar mãe e filho, para que coisa alguma se oponha à sua comunhão com Deus. Torna-se necessário que a juventude saiba que a vida é esforço. Façam-na trabalhar (...); encham-na de aborrecimento. Quem seja banido tudo quando possa despertar-lhe interesse: só é proveitoso o trabalho desinteressado; se nele se misturar prazer, está tudo perdido! Eis que disse o Diabo. A multidão, beijando a terra, exclamou: - Queremos-nos salvar! Que devemos fazer?- Criem a escola. (...) (FERRIÈRE, 1928,p. 11/12)

Num ato de coragem e ousadia para época, Adolphe Ferrière sofreu algumas conseqüências por ter escrito tais palavras, foi alvo de críticas, pois a relação entre a escola e a criação diabólica foi considerada ofensiva a uma das instituições mais importantes e sagrada da sociedade². Ferrière foi obrigado a se retratar em função dessa história, explicou que o professor se utilizava de formas mecânicas e repetitivas, destruindo no aluno a alegria de aprender novas coisas

Com esse pensamento Adolphe Ferrière foi um dos nomes mais expressivos do movimento da Educação Nova na Europa. Fundou o *Bureau International d'Education Nouvelle* (1899); foi um dos fundadores, junto com Pierre Bovet e Eduard Claparède, do *Institut Jean Jacques Rousseau* (1912), em Genève; ajudou a criar, em 1921 durante o *I Congreso Internacional de l'Education Nouvelle*; em Calais na França, a *Ligue Internacional de l'Education Nouvelle*; durante muito tempo foi um diretor e colaborador da *Revista da Ligue Pour L'ere Nouvelle*; e esteve à frente dos trabalhos do *Bureau International de Education* (criado em 1925).

Ferrière foi sem dúvida um homem polêmico, crítico da escola de seu tempo, defensor dos princípios para a Escola Ativa, que era um movimento de reação contra o que subsistia de medieval na educação, contra o seu formalismo, o seu hábito de colocar o ensino à margem

² Vivia-se ainda um período de celebração da escola decorrente da crença dos poderes dessa instituição, vivido ao longo do século XIX, chamado de “século da escola” e também, “século da infância”.

da vida, contra a sua compreensão radical naquilo que constitui a essência da natureza infantil. Esses princípios tiveram como base da Biologia e da Psicologia.

Os novos rumos da educação para Ferrière eram uma tentativa de reformar a prática educativa. Desenvolveu uma rica produção literária teórica destinada a colocar a Biologia e a Psicologia no lugar que, lhe cabia no sistema educativo, pois com essa base, a escola teria condições de guiar melhor os pais e indagar sobre os métodos educativos aplicados, se tais métodos estão suprindo as necessidades de seus filhos.

Ao defender as propostas de uma Escola Ativa dirigia sua crítica ao sistema de educação existente em dois aspectos: primeiro não considera o desenvolvimento Biológico e a personalidade Psicológica da criança; segundo o seu método não preparava para vida prática de nosso tempo.

Uma das maiores necessidades da criança é de movimentar-se, de mudar de um lugar para o outro quando quiser. O velho sistema obriga-o a uma imobilidade quase completa, durante várias horas. Baseado nestes fatores os educadores deverão lançar o ensino mais dinâmico trabalhando corpo e mente. Porém a prática escolar ainda se mantém insistindo em uma criança inerte.

Segundo Ferrière (1929) o objetivo da escola popular é ter uma dupla missão, antes de tudo, deve conservar a personalidade da criança, não agindo em sentido contrário as suas necessidades e interesses, não cometendo violência contra o seu caráter, não devendo igualar todas as suas individualidades como um aparelho nivelador enfim, por critério pessoal, não deve impor uma avaliação dos fins, apresentados como importantes. O que deve ser relativo em uma avaliação, é a valorização do crescimento da criança, ao longo do desenvolvimento escolar. Ferrière prioriza para a escola em sete pontos como fundamentais:

- Despertar nas crianças diversas sensações, colocando em contato com a natureza.
- Despertar o desejo de inventar e repetir os sons articulados.

- Despertar o interesse pela arte, fabricando trabalhos manuais.
- Despertar o interesse por animais e o contato com a terra.
- Despertar o interesse pela viagem despertando o desejo de conhecer outros lugares e uma nova cultura.
- Despertar o instinto de colecionar objetos da mesma natureza.
- Despertar no comércio conduzindo à troca e venda de pequenos objetos com fins de lucro.

Nestes fatores orientam os educadores quais são as preferências infantis: A criança prefere trabalhar a ficar inerte; ^prefere olhar a ouvir, ^êé interessada pelas coisas que estão em sua volta. Portanto o contato com as coisas propicia uma melhor assimilação do conhecimento.

O professor para Ferrière deveria entre outras coisas, ter uma autonomia pedagógica, com o objetivo de estimular no aluno a curiosidade, incentivando a formular perguntas, ajudando a achar as respostas gastar poucas palavras e mostrar muitos fatos, fazer, analisar, experimentar, fabricar, colecionar, deixar a criança livre para experimentar várias sensações, cumprindo assim o papel de um educador moderno.

Este foi um movimento de renovação pedagógica que colocava a criança no centro do processo educativo, produzindo e enaltecendo a Biologia como um instrumento de conhecer melhor o desenvolvimento físico da criança, e a Psicologia com o intuito de adequar os conhecimentos de acordo com as necessidades infantis.

Para a realização dessas propostas, era preciso construir um outro perfil de professor, pois não era suficiente dominar somente os conteúdos e os métodos de ensino, era preciso um especialista no desenvolvimento infantil, caracterizando uma nova identidade profissional dos docentes. Desta forma Adolphe Ferrière foi um homem que acreditava profundamente na essência humana e na redenção da humanidade pela escola.

1.2 Princípios para alcançar uma educação ideal que prepare o aluno para a vida



John Dewey, filósofo americano que viveu na virada do século XIX para o XX, influenciou educadores de várias partes do mundo. No Brasil, inspirou o movimento da Escola Nova, liderado por Anísio Teixeira, ao colocar o pragmatismo e a democracia como importantes ingredientes da educação.

Dewey nasceu em Burlington, uma pequena cidade agrícola do estado americano de Vermont. Na escola, teve uma educação desinteressante, o que foi compensada pela formação que recebeu em casa. Ainda criança, via sua mãe confiar aos filhos pequenos as tarefas de casa para despertar o senso de responsabilidade.

Estudou Arte e Filosofia e, por alguns anos, deu aula numa escola rural de ensino básico, escreveu sobre Filosofia e Educação, além de Arte, Religião e Política. Fiel à causa democrática, participou de vários movimentos sociais e chegou a ser chamado de comunista após ter feito uma viagem à União Soviética, em 1928.

Dewey era um defensor da democracia, chegou a criar uma universidade exílio para acolher estudantes perseguidos em Países com regime totalitário. Morreu aos 93 anos. Influenciado por grandes autores como, Rosseau, Pestalozzi e Froebel, para ele a educação deve fazer parte do desenvolvimento natural do ser humano, sendo necessário reconciliar o indivíduo e a sociedade, os fins e os meios, a teoria e a prática, o trabalho e o lazer.

Dewey defende a educação como um processo de reconstrução e reorganização da experiência. Qualquer experiência traz resultados para reflexão do conhecimento existente, como o fato de conhecermos algo temos uma alteração no modo de agir, pensar, viver. Baseado nesta concepção Dewey desenvolve o seu método de ensino desenvolvendo os seguintes aspectos:

- O método - é o modo pelo qual a experiência se processa, e assim, não se distingue da experiência, como também do seu objeto a matéria. Esse processo da experiência deve estar sempre presente na inteligência do educador, para que se evite o erro de pensar que a distinção puramente intelectual entre método e matéria tenha apoio na realidade objetiva de cada experiência.
- Só aprende o que se pratica - “seja uma habilidade, seja uma idéia, seja um controle emocional, seja uma atitude ou uma apreciação, só as aprendemos se as praticamos” (DEWEY, 1952, p.35). Mas não basta apenas praticar, aprende-se também por meio da reconstrução consciente da experiência, isto é, as experiências passadas afetam as experiências presentes e as reconstroem para que todas venham influenciar no futuro.
- Aprende-se por associação - não se aprende somente o que tem em vista, mas coisas que vem associadas com o objeto mais claro da atividade.
- Não se aprende nunca uma coisa só – À medida que aprendemos uma coisa, várias outras são simultaneamente aprendidas. Toda aprendizagem deve ser integrada à vida, isto é, adquirida em uma experiência real.

John Dewey vê as experiências “como um modo de existência da natureza, vemos que ela é tão real quando tudo que é real. Poderíamos defini-la como a relação que se processa entre dois elementos do cosmos, alterando-lhes, ate certo ponto, a realidade”. (DEWEY,1952, p.8). A concepção, mas ampla da experiência é classificada por Dewey em três seguintes aspectos:

- O primeiro tipo é o das experiências que nós apenas temos. Não só chegamos a conhecer o seu objeto, como, às vezes, nem sequer sabemos que temos. O fato de que elas existem é uma demonstração de que a experiência é fenômeno do mundo orgânico, que somente o homem possui. A criança que nasce começa a ter fome, sede, dor, bem estar, e mal estar, está tendo experiências, muito antes de vir, a saber, que as tem.
- O segundo tipo de experiência é reflexivo, o aparecimento da inteligência: ganha processo de análise, de indagação de sua própria realidade, escolhe meios, seleciona fatores. O aparecimento da consciência.
- O terceiro tipo de experiência é o vago anseio do homem por qualquer coisa que ele não sabe o que seja, mas que está presente.

Para Dewey a experiência educativa é uma experiência inteligente, pois a vida social se perpetua por intermédio processo educativo. Com base nesta teoria Dewey caracteriza o desenvolvimento escolar em três formas:

- A escola deve simplificar esse ambiente complexo para que a criança gradualmente venha conhecer os conhecimentos e nela compartilhar.
- A escola deve organizar um meio purificador isto é de onde se elimina certo aspecto reconhecidamente maléfico do ambiente social.
- A escola deve ser a casa da confraternização de todas essas influências, coordenando-as, harmonizando-as, consolidando-as, para a formação de inteligências claras, tolerantes e compreensivas.

No processo educativo, o indivíduo e o meio social são, portanto dois fatores harmônicos e ajustados. O meio social ou o meio escolar se bem compreendido deve fornecer as condições pelas quais os indivíduos libertem e realizem a suas próprias personalidades.

Em todas as idéias de oposição entre sociedade e o indivíduo se originam de concepções isoladas e estáticas da sociedade, porém não existe indivíduo sem sociedade, e nem sociedade sem indivíduo. Logo a escola não deve ser uma oficina isolada onde prepara o sujeito, mas um lugar onde seja numa situação real da vida, indivíduo e sociedade constituam uma unidade orgânica.

Para Dewey o homem não aprende por uma necessidade com um objetivo de obter uma capacidade específica, aprender é uma função permanente do seu organismo, e a atividade pela qual o homem cresce, mesmo quando o seu desenvolvimento biológico há muito tempo se completou.

Essa capacidade de aprender permite uma educação indefinida. Tal crescimento é naturalmente muito mais visível na infância, onde tem o seu máximo de intensidade, mas nem por isso deixa de perdurar por todo período da vida. A educação não é preparação, nem conformidade, educação é vida, e viver é desenvolver e crescer.

O processo educativo, portanto, não tendo nenhum fim além de si mesmo, é o processo de contínua reorganização, reconstrução e transformação da vida. Dewey coloca que o hábito de aprender diretamente da própria vida e fazer com que as condições de vida sejam tais que todos aprendam no processo de viver, é o produto mais rico que pode a escola alcançar. A educação como reconstrução contínua da experiência, fica assegurada como o atributo permanente da vida humana.

Os ensinamentos de Dewey consistem em desenvolver as experiências que o aluno já possui, seu objetivo é a troca de conhecimento entre o professor e o aluno, tendo assim, uma interação na sala de aula. A escola sendo uma instituição social deve ter uma organização lógica. Os conteúdos devem partir dos interesses e necessidades dos alunos. O currículo assim pensado partirá de situações ou problemas da vida comunitária.

1.3 A educação estruturada no desenvolvimento infantil



Maria Montessori (1870-1952) foi a primeira mulher italiana a formar-se em Medicina em 1894, pela universidade de Roma, recebendo esse grau com 25 anos. Ela criou um método pedagógico que se baseia sobre um profundo trabalho de observação e pesquisa psicológica que valoriza a experiência sensorial, a aprendizagem como experiência e um ambiente estruturado, muito estimulante, onde a criança possa atuar.

Sendo uma das grandes pioneiras na pesquisa sobre o desenvolvimento infantil, suas experiências e observações ficaram conhecidas em 1898 no Congresso Pedagógico em Turim. Voltando à Itália, ocupou-se em preparar professores para a educação dos portadores de necessidades especiais.

A concepção de educação de Montessori é pautada no desenvolvimento físico e motor, mais do que na adaptação. “A criança é mais do que um ser social, é um ser biológico” (MONTESSORI, 1976, p.70). Ela ressalta em seus estudos a importância de compreender melhor a infância, com a finalidade de preparar futuros cidadãos para vida, pois a educação tem a função de desenvolver a potencialidade humana.

A origem deste sistema foi em 6 de janeiro de 1906, com a inauguração da primeira escola para crianças de três a seis anos. “A casa da criança”, nesta escola tinham umas

cinquenta crianças muito pobres tímidas e choronas, quase todos filhos de analfabetos, que tinham sido entregues aos cuidados de Montessori que atuava como uma orientadora nesta Instituição.

O projeto inicial era de juntar os filhos pequenos dos operários que habitavam nos prédios populares, para não ficarem abandonados nas escadas, com o objetivo que estas crianças não sujassem as paredes nem fizessem estragos. Para isso foi fornecida uma sala do próprio prédio que serviria de refúgio e de creche.

Montessori que antes atuava com crianças com necessidades especiais, usou o mesmo método do trabalho anterior, neste novo projeto. A atuação com estas crianças trouxeram grandes surpresas, os métodos que tinham produzido grandes resultados educativos com os portadores de necessidades especiais, fora um auxílio no desenvolvimento destas crianças.

O método de educação de Montessori é caracterizado pela importância de um ambiente e material adaptado às proporções físicas das crianças. As salas com uma boa iluminação, janelas baixa cheia de flores, móveis pequeninos de todas as formas: mesinhas, poltronas pequenas, cortinas graciosas, os armários baixos ao alcance das mãos infantis pegando os objetos que desejam, tudo isso serviu de melhoria na prática educativa. O material didático desenvolvido por Montessori foi elaborado com materiais científicos rigorosos, como já tinha sido usado com os portadores de necessidades especiais e que nunca ninguém pensara que pudesse servir como material escolar.

Maria Montessori dedicou à educação com o seu olhar de cientista, e como tal, percebeu que em determinados períodos do desenvolvimento humano, existem características “especiais” determinantes para aprendizagem, permitindo o desenvolvimento de certas habilidades e competências de forma prazerosa. Chamou estes momentos de “períodos sensíveis”.

Foi precursora de muitas das descobertas que hoje a neurobiologia registra, em relação às formas e aos processos de aprendizagem. A neurobiologia hoje sustenta que há idades na infância em que o desenvolvimento de certas habilidades intelectuais e emocionais sendo mais propícia a esta fase que são chamadas de "janelas de oportunidade", da mesma forma que Maria Montessori sustentou o seu conceito sobre os "períodos sensíveis".

Para cada etapa do desenvolvimento, os períodos sensíveis se sucedem provendo o ser em desenvolvimento, de capacidades de aprendizagem "facilitadoras", no seu processo de adaptação ao mundo: colocar-se de pé, andar, falar, ler e escrever, conhecer a cultura. E para cada uma destas etapas, os ambientes onde a criança exerce a sua ação devem estimular sua curiosidade.

O desenvolvimento da criança e a base do método de Montessori procurando entender a essência da criança como um grande enigma a ser decifrado. Os princípios básicos que fundamentam a concepção pedagógica de Montessori foram baseados por observações minuciosas das crianças que são as seguintes:

- A repetição de exercício – Esta característica infantil foi descoberta por Montessori quando observava uma menina com três anos fazendo exercícios de encaixe que repetia sem parar. Montessori concluiu que esta característica constitui elementos próprios do trabalho, quando maior precisão de exercícios era ensinado para as crianças, torna-se um estímulo para inesgotável repetição.
- Liberdade – A liberdade é concebida como condição de expansão da vida. Em decorrência desse princípio o sistema montessoriano começa por transformar o ambiente escolar, substituindo as cadeiras e mesas fixas por mesinhas, cadeirinhas e armários baixos para as crianças tivessem liberdade de escolher os objetos conforme as suas necessidades internas. A liberdade não significa abandono nem laissez-faire total, liberdade e disciplina caminham juntas.

- Atividade – A atividade é uma manifestação espontânea e deve ser respeitada. Montessori defende não apenas a atividade física, mas também, a atividade mental reflexiva. “A criança está em constante evolução e tudo o que se refere a meios de desenvolvimentos lhe é fascinante”. (MONTESSORI, 1976, p. 116)
- O Silêncio – Este exercício surgiu com a visita de uma mãe com seu bebê na sala de aula, não se ouvia nenhum barulho desta criança, os alunos ficaram imóveis imitando o bebê. Aproveitando esta atividade despertada na turma, Montessori quis verificar a perspicácia auditiva da turma, as chamavam em uma certa distancia com voz baixa e quem ouvisse ela chamar deveria ir até ela sem fazer qualquer ruído. Com esta atividade Montessori percebeu que “os exercícios motores em que se pode controlar cada erro, como nesse caso o ruído, levam as crianças a aperfeiçoa-los”. (MONTESSORI, 1976, p.118)
- Individualidade – A educação deve respeitar as diferenças individuais, e a liberdade deve permitir o desenvolvimento da personalidade e do caráter individual.
- Prêmios e Castigos – Esta prática foi abolida quando Montessori observou um menino que tinha sido pela professora premiado com uma medalha enorme no peito, ao passar próximo a um colega que tinha sido castigado, olhava indiferente para sua condecoração. Por meio deste episódio em vez de castigar ou premiar as crianças, Montessori orientou os professores a despertar a consciência dos alunos.
- O ensino da escrita e da leitura – O ensino da leitura e da escrita foi desenvolvida com crianças de quatro a cinco anos de idade. Montessori pediu a professora que escrevesse e recortasse o alfabeto em uma cartolina, com a finalidade das crianças movimentarem as letras. Os alunos formavam as palavras repetindo o som de cada letra. Para Montessori as crianças estavam analisando a palavra em mente e analisando os sons, pois o desenvolvimento da escrita depende do encontro da linguagem verbal. “A

linguagem propriamente dita é a falada e a outra apenas a tradução verdadeiramente literal". (MONTESSORI, 1976, p. 12)

As descobertas Montessori desenvolveram grandes transformações na prática escolar, antes o comportamento infantil que era desconhecido, agora é analisado atenciosamente compreendendo as reais necessidades infantis. Montessori desenvolveu a concepção ativa afirmando que “não há educação que não seja auto-educação”. Não se pode ser livre sem individualidade. Neste sentido devem ser dirigidas as manifestações ativas, da verdadeira liberdade desde a primeira infância.

Em todo o mundo é grande a influência exercida pelas idéias de Montessori. Sua figura tem sido uma das maiores dentro da educação renovada. Montessori desenvolveu o trabalho de Froebel um educador alemão, sendo a educação infantil como um jardim onde as crianças cresçam, como se fossem plantas, respeitando as estruturas de seu desenvolvimento. As propostas de Montessori preconizam na construção de escolas imitando um lar, deixando assim as crianças mais à vontade, adaptando a escola com o mundo infantil.

Atualmente no Brasil, o método Montessori é usado com mais freqüência na educação infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental. O sistema didático montessoriano baseia-se numa concepção de homem e de mundo, que considera a vida e seu pleno desenvolvimento. Sua concepção está baseada nos princípios biológicos ligados aos aspectos sociais de ajustamento e integração.

Por meio destas análises, estas obras estrangeiras serão relacionadas com as propostas dos pioneiros brasileiros: Anísio Teixeira, Lourenço Filho, e Fernando de Azevedo. Com o intuito de identificar tais influências.

CAPITULO II

A DESCOBERTA DE UMA NOVA METODOLOGIA DE ENSINO.

2.1 As fontes bibliográficas de Anísio Teixeira que fortaleceram as suas propostas educativas



Anísio Spínola Teixeira nasceu em 12/07/1900, no sul da Bahia, era filho de Diocleciano Pires Teixeira e Anna Spínola Teixeira. Formado pela faculdade de Direito no Rio de Janeiro, exerceu ao longo de sua vida atividades acadêmicas políticas e culturais com projeção nacional e internacional. Iniciou na vida pública muito jovem em (1924), tendo ocupado vários cargos importantes.

No período de 1924 a 1929 foi nomeado Inspetor Geral do Ensino Público, na Bahia, no governo de Goiás de Calmon. Em 1928, estudou na universidade de Columbia, em Nova York, onde conheceu o pedagogo John Dewey. Além de professor de Filosofia e História na Escola Normal de Salvador de 1930 a 1935, foi nomeado, em 1931, como secretário de Educação do Rio de Janeiro, em sua gestão, criou uma rede municipal de ensino completo, que ia da escola primária à universidade. Em Abril de 1935, completou a montagem da rede de ensino do Rio de Janeiro com a criação da Universidade do Distrito Federal (UDF), ^{mas} mais foi extinta em 1939, durante o Estado Novo.

Em 1935, perseguido pelo governo de Getulio Vargas, Anísio refugiou-se em sua cidade natal, onde viveu até 1945. Em 1946, ele assumiu o cargo de conselheiro da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). No ano seguinte, com o fim do Estado Novo, tomou novamente posse da Secretaria de Educação de seu Estado, nessa gestão, criou em 1950, o centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador, ~~X~~a Escola Parque.

Em 1951, assumiu o cargo de Secretário Geral da Campanha de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (Capes) e, no ano seguinte, o Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), onde ficou até 1964. Anísio foi um dos idealizadores da Universidade de Brasília (UnB), fundada em 1961. Ele entregou a Darcy Ribeiro, que considerava como seu sucessor, a condução do projeto da universidade. Em 1963, tornou-se Reitor da UnB. Com o golpe de 1964, pelo regime militar, acabou afastado do cargo. Foi para os Estados Unidos, lecionar nas universidades de Columbia e da Califórnia.

Voltou ao Brasil em 1965. Em 1966, tornou-se consultor da Fundação Getulio Vargas (FGV). Morreu em 11 de março de 1971, de modo misterioso. Seu corpo foi encontrado no poço do elevador de um edifício no começo da Avenida ¹¹¹Riu Barbosa, no Rio de Janeiro. A polícia considerou a morte acidental, mas a família do educador suspeita de que ele possa ter sido vítima da repressão do governo do General Emílio Garrastazu Médici.

A influência liberal em suas teorias é grande, podendo ser observadas na sua concepção de homem, sociedade e educação. No prefácio que Anísio escreveu para o livro de Dewey da coleção “Os Pensadores” concebia a educação como uma “contínua reconstrução de experiências, como processo de assegurar a continuidade do lado bom da vida, pois a finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida” (DEWEY, 1952, p.72).

Segundo Schaeffer (1988) é possível perceber em Anísio Teixeira uma enorme distância entre suas concepções iniciais de educação e as que se consagraram posteriormente.

De início adotava uma posição tradicional e elitista, colocando-se contra a Escola Única, posteriormente, tornou-se um ardente defensor de uma educação comum para todo o povo brasileiro, combatendo uma educação de elites e de privilegiados.

A mudança em suas teorias está relacionada com as propostas do educador americano John Dewey. Esta relação foi iniciada quando Anísio Teixeira foi pela primeira vez aos Estados Unidos em 1927. Antes havia iniciado a sua vida pública como Diretor Geral da Instrução da Bahia (1925–1929). Depois de sua viagem ao Estados Unidos, Anísio desenvolveu a Reorganização Progressiva do Sistema Educacional na Bahia (1929) mostrando marcas deweyanas. Os princípios fundamentais dessa reorganização são os seguintes:

- Rejeição do sistema dualista de educação. Anísio fazia uma severa crítica da ruptura social implícita nos objetivos educacionais das escolas secundárias (ginásios) das escolas profissionalizantes. Alguns anos mais tarde ele defendeu a unificação das escolas e a igualdade de oportunidade de educação para todas as classes sociais. Este foi um ponto básico da cruzada democratizadora de Dewey na qual defendia um número maior de valores em comum, todos os membros do grupo devem ter oportunidades iguais. Deve haver uma grande variedade de empreendimentos e experiências para serem compartilhadas. De outra maneira, as influências que educam uns para serem senhores, e educam outros para serem escravos.
- Rejeição do preconceito contra atividades manuais e uma nova interpretação delas como formas de descobertas e enriquecimentos cognitivos. Isto foi proposto por Dewey em “The place of manual training in the elementary course of study” (1901) e em “Democracy and education”.
- Rejeição do currículo clássico acadêmico.

- Rejeição dos métodos livrescos.

Esta proposta desenvolveu um programa escolar que não deveria ser somente adaptado ao ambiente físico, mas incluir aspectos de dilêmas escolares. Essa idéia reflete o pensamento de Dewey a respeito de menos adaptação ambiental em proveito de maior controle do meio, por meio do exame das condições ambientais. Porém, esse exame seria possível se as escolas fornecessem um ambiente simplificado, sugerido por Dewey.

Anísio Teixeira da mesma maneira que seu inspirador, John Dewey, se empenhou fortemente em compromissos políticos e sociais. Sua crença acerca da possibilidade do estabelecimento de uma democracia socialista provocou na elite econômica uma reação contrária aos seus ideais. Na época em que Anísio tinha uma enorme importância política e educacional no Brasil, um grupo de religiosos tentou fazer com que o governo forçasse sua demissão do cargo de Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, criado pelo próprio Teixeira.

O conselho da UNESCO e algumas universidades estrangeiras enviaram mensagens de apoio para Anísio. Nunca um educador brasileiro mobilizou tão profundamente a elite internacional. Teixeira tinha como Dewey um tipo de personalidade messiânica que, aliás, é uma característica quase constante dos grandes educadores. Os grupos reacionários perderam aquela batalha, mas, posteriormente em 1964, aliados ao regime militar, expulsaram-no definitivamente da vida pública.

Dewey defendia uma situação real da experiência direta e imediata do ensino primário, sendo ampliada e aprofundada pela experiência simbólica. No caso da proposta de Teixeira o programa descreve uma ampliação do significado da experiência imediata através de atividades simbólicas. Podemos dizer que Teixeira propôs um programa que pode ser entendido segundo os termos de Dewey como “compreensão real” e “apreciação” da familiaridade de uma experiência direta.

Teixeira não fez na época nenhuma distinção técnica entre programa e currículo, ambos significando conteúdo programático ou matéria, sendo que o programa era mais detalhado e o currículo menos analisado, o segundo aspecto de sua proposta deste ponto de vista é a matéria. O currículo ou a teoria menos detalhado deveria para Teixeira ter como objetivo a formação de hábitos através do preenchimento de experiência e do acúmulo de experiência. A educação é o resultado de uma interação, através das experiências do organismo e do meio ambiente, a direção da atividade educativa é intrínseca ao próprio processo da atividade educativa, isto é, uma reorganização consciente da experiência.

Em 1931, Teixeira foi morar no Rio de Janeiro, na época a capital política e cultural do Brasil, dessa data até 1935. Ocupou vários cargos importantes dentro da administração brasileira e teve oportunidade de expandir por todo o País suas ações reformuladas, ocupou a função de Secretário da Educação.

Durante este período, Anísio pode por em prática muitas idéias de Dewey. A idéia de democracia como uma forma de vida na experiência conjunta e na intercomunicação, desenvolvimento da individualidade através da interação orgânica com o ambiente, propondo uma educação continuada. Por meio das propostas de Dewey, Anísio Teixeira adaptou as idéias desse autor estrangeiro a execução de um trabalho de conscientização que levasse em conta nossas condições nacionais e regionais. Portanto, as propostas de Dewey não foram simplesmente copiadas, mais foram desenvolvidas por meio da realidade brasileira.

2.2 O desenvolvimento das idéias educacionais de Lourenço Filho



Manoel Bergström Lourenço Filho nasceu em 1897 em Porto Ferreira, no interior de São Paulo. Coursou duas vezes a escola Normal (em Pirassununga e em São Paulo), fez dois anos de Medicina e formou-se em Direito. Antes mesmo de concluir o curso, foi indicado, aos 24 anos, para Diretor da Instrução Pública do Ceará, com a incumbência de reorganizar o ensino do Estado. O trabalho, que durou dois anos e meio, foi uma das primeiras realizações na linha de pensamento da Escola Nova e obteve grande repercussão nacional.

Do período em que esteve no Ceará resultou o livro Juazeiro do Padre Cícero, análise do fanatismo religioso para o qual utilizou seu conhecimento em Psicologia. Pelo trabalho, recebeu um prêmio da Academia Brasileira de Letras. Até o fim da vida, Lourenço Filho escreveu e publicou grande número de artigos e livros de Psicologia, Pedagogia, Gestão Educacional e Literatura Infantil, além de obras Didáticas. Traduziu títulos importantes de autores como Émile Durkheim (1858-1917) e Edouard Claparède (1873-1940).

Entre outros cargos públicos que ocupou, foi Diretor Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, chefiou o gabinete do Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, no governo de Getúlio Vargas, dirigiu o Instituto de Educação do Distrito Federal do Rio de Janeiro e organizou e dirigiu o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), à

frente do qual criou, em 1944, a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Morreu em 1970, no Rio de Janeiro.

Como psicólogo e educador Lourenço Filho possuía um grande conhecimento dos novos métodos de ensino propostos pelos representantes da Escola Nova. Lourenço desenvolveu o estudo dos processos psicológicos e comportamentais no contexto escolar.

A educação para Lourenço Filho era um processo de comportamento, direcionando os objetivos educacionais a serem definidos previamente, levando em consideração a situação social na qual o aluno deveria se adaptar. Essas são as bases científicas fornecidas pela Filosofia, pela Sociologia e pela Biologia Educacional.

Para transmitir aos educadores brasileiros as novas descobertas em Pedagogia, Lourenço Filho publicou na década de 1930 o livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, que virá a se constituir uma espécie de “Bíblia” para estes educadores. As propostas defendidas neste livro eram que a educação deveria estar apoiada nos conhecimentos da Psicologia e da Sociologia às novas ciências que vinham revolucionar o tratamento tradicionalmente dado aos fenômenos especializados. Era preciso basear as decisões sobre métodos e processos educativos em conhecimento científicos, positivos estabelecidos mediante procedimentos verificáveis.

Com base nesse princípio, a educação era considerada um processo de adaptação do comportamento a uma determinada situação social. Esta situação implicava que o comportamento do aluno deveria ser condicionado para hábitos adaptativos, sendo adquiridos como consequência. Os educadores deveriam buscar auxílio às ciências dedicadas ao estudo do comportamento em nível molar (a Psicologia) e em nível molecular (a Fisiologia e a Biologia).

A partir desta valorização da ciência psicológica para o campo da educação, a Psicologia seria responsável por diversas contribuições na renovação das escolas, como a

descrição das variações psicológicas de acordo com a idade, a caracterização objetiva das similaridades humanas e das diferenças individuais, e a construção de um modelo genético-funcional de explicações dos fenômenos psicológicos.

Estes princípios ajudaram os educadores a organizarem as classes de acordo com a capacidade das crianças, com base em seu nível mental, auxiliando também na elaboração de métodos de ensino adequados aos processos de desenvolvimento mental das crianças.

Esta^o proposta prática de uma nova escola apoiada nas ciências comportamentais, havia sido feita por Montessori (1976) por meio das idéias de instrução individualizada. Ferrière (1929) defendeu esta concepção colocando que o ensino deveria ser de acordo com a necessidade do aluno, e Dewey (1952) também defendeu esta concepção colocando a escola como uma comunidade embrionária.

Para Lourenço Filho, as escolas deveriam usar testes mentais para o acesso às habilidades das crianças, antes de iniciar o processo de instrução, pois os interesses das crianças mudavam durante este processo, portanto as escolas deveriam organizar atividades de aprendizagem, como propostos por Dewey e Ferrière, através dos centros de interesse ou o método de projetos. Estas recomendações marcaram dois princípios básicos do escolanovismo, o respeito às necessidades individuais e adoção de um modelo genético-funcional de educação, as escolas deveriam ser organizadas levando em consideração as diferenças individuais.

Lourenço em suas propostas fez diversas críticas ao tipo de educação vigente até essa época. A escola era vista como tradicional, baseava-se no ensino verbal, tirando a essência do aluno, defendendo a concepção da criança como um “adulto pequeno”, ou seja, na suposição de que ao nascer, a criança já possuía todas as capacidades mentais próprias do adulto.

Contrários a este sistema tradicional, autores como Montessori, Dewey e Ferrière, apoiavam em conceitos como desenvolvimento e maturidade, apontavam a Educação

Funcional ou Ativa, a transformação da dinâmica do ensino e do trabalho em comunidade que fosse capaz de ensinar o hábito da cooperação. Segundo Lourenço (1930) na cooperação na Escola Funcional, o mestre tem em mente a transmissão de conhecimentos, como condição propícia para que os conhecimentos sejam elaborados na criança, segundo ela possa aprender.

Com o aprofundamento das literaturas estrangeiras Lourenço Filho estruturou suas propostas educacionais defendendo um ensino no qual tivesse a finalidade de valorizar a capacidade do aluno, construindo o seu conhecimento ao longo do seu processo escolar, formando assim indivíduos capacitados às novas exigências sociais.

2.3 As fontes bibliográficas de Fernando de Azevedo



Fernando de Azevedo, professor, educador, crítico, ensaísta e sociólogo, nasceu em 2 de abril de 1894, em São Gonçalo do Sapucaí (MG). Desenvolveu a primeira e vasta pesquisa sobre a situação da educação em São Paulo, foi integrante do movimento reformador da educação pública, da década de 20, que ganhou o País e foi impulsionada pela Associação Brasileira de Educação, fundada em 1924.

Entre 1927 e 1930, promoveu ampla reforma educacional no Rio de Janeiro, capital da República, animada pela proposta de extensão do ensino a todas as crianças em idade escolar;

articulação de todos os níveis e modalidades de ensino - primário, técnico profissional e normal; e adaptação da escola ao meio-urbano, rural.

Dirigiu por mais 15 anos, a Companhia Editora Nacional, a Biblioteca Pedagógica Brasileira (B.P.B) e em 1931, redigiu e lançou, ^{em 1932} junto com outros 25 educadores e intelectuais, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Como Diretor Geral, promulgou o Código de Educação do Estado de São Paulo (1934) e participou da fundação da Universidade de São Paulo. Visto como um intelectual de "centro", foi durante sua vida se transformando em um intelectual extremamente crítico quanto ao papel da escola, entendendo-a em 1954 como instrumento de manutenção do *status quo*. Morreu em São Paulo, em 1974.

Fernando de Azevedo foi um professor de sociologia na Universidade de São Paulo, foi também diretor de departamento de educação do Estado de São Paulo promovendo várias reformas pedagógicas. Membro de diversas associações científicas, brasileiras e estrangeiras. Fernando de Azevedo atuou como especialista da UNESCO para a educação da América Latina. Em 1967 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Como educador, reformador do ensino, erudito ambicioso, colocou, de um lado, o racionalismo cartesiano e o iluminismo kantiano e, de outro, o positivismo durkheimiano e a escola socialista, desenvolvendo também as idéias de Dewey e outros protagonistas da Escola Nova.

Inclinava-se, inicialmente, para os estudos dos clássicos, afirmou depois sua reputação como sociólogo e educador, especialmente, a partir da reforma do sistema escolar do Rio de Janeiro. A proposta educacional de Fernando de Azevedo foi um o divisor de águas em relação à Escola Tradicional, no sentido em que organizaram as vigências culturais do passado e do presente no Brasil, desde a Revolução de 30, expressas, sobretudo no Manifesto dos Pioneiros, até a década de 1960³.

³ O ano de 1932 é decisivo na carreira de Fernando de Azevedo. Neste ano, ele é convidado a redigir o Manifesto dos pioneiros da Educação Nova, foi dirigido à Nação e ao governo Vargas, documento que colocou a educação como o problema nacional de maior importância, acima dos problemas econômicos nos planos de reconstrução do País.

O Manifesto dos Pioneiros foi elaborado em meio às inquietações dos intelectuais brasileiros nos anos de 1920, que viam na educação um modo de formar as novas elites para servir o Estado, formando assim uma nacionalidade e uma educação moral sólida assegurando o progresso da nossa civilização, dentro da ordem estabelecida sem ruptura política⁴.

No início da República o que era exigido para elite era um outro tipo formação, valorizando essencialmente a técnica, na segunda metade dos anos vinte era cobrado desta mesma elite um conhecimento fundamentado no social.

O Governo de Getúlio Vargas utilizou o documento como meio de incorporar o trabalho com a educação, mas com objetivo político varguista. Em termos históricos e epistemológicos, existe incoerência entre a Escola Nova (experiência, pesquisa, invenção, criatividade, descoberta) e o modelo político, isto é, a organização social autoritária do Estado, que inibia a iniciativa baseada na Escola Nova, no plano da educação e no plano social.

Sendo contra essa organização social autoritária de Vargas, os itens defendidos no Manifesto dos Pioneiros (1932), defende as propostas educacionais dos autores estrangeiros escolanovistas nesse documento, colocando social como um item primordial na educação. Serão apresentados alguns pontos do manifesto dos Pioneiros relacionados com as idéias desses autores estrangeiros:

A finalidade da educação é “certamente pragmática, se propõe ao fim de servir não aos interesses de classes, mas o interesse do indivíduo” (GHIRALDELLI, 1994, p.59). A educação é considerada em todas os seus graus como uma função social em que o Estado é chamado a realizar com a cooperação de todas as instituições sociais.

⁴ “A criação de associações como a ABE deste 1924 vinha-se empenhando em ampliar os fóruns de debate das referidas questões e de promover campanhas pela instrução pública” (PAGNI, 2000, p.49)

Dewey um defensor desses princípios, em integra a vida social nas ações escolares. O autor defende que “quando o indivíduo sucumbe ou morre, a vida continua em outros seres, cada vez mais complexa, mais readaptada e mais perene, tendo em si mesmo o segredo de sua perpetuidade. Ora, se assim é com a vida social se perpetua ~~por~~ ^{no} intermédio da educação”. (DEWEY, 1952, p.11).

A utilização da educação somente para especializar a mão de obra foi criticada nesse documento. “E preciso fazer homens, antes de fazer instrumentos de produção” (AZEVEDO, 1960, p.60). O sistema escolar não deve estar ^{apenas} somente voltada ao sistema de trabalho mas ampliar em outros aspectos como a solidariedade e a cooperação desenvolvendo uma consciência social. Segundo Dewey (1952), a escola é uma experiência inteligente, pois a vida social se perpetua por intermédio processo educativo.

Outro ponto defendido no Manifesto era que o Estado organizasse~~m~~, custeasse~~m~~ o ensino em todos os graus, de acordo com os princípios e as normas gerais estabelecidas na constituição, em leis ordenadas pela União a que competiu a educação na capital do país. A educação sendo uma manifestação social deve ser essencialmente pública.

Adolphe Ferrière um dos grandes defensores da escola pública sendo direito de toda população, pois o conhecimento ajuda o indivíduo a vencer obstáculos, tirar habilmente partido das circunstâncias e vantagens da própria personalidade.

O manifesto foi uma vitória da educação moderna. Fernando de Azevedo ao analisar este documento ressaltou a importância da educação na modernização de um País.

Para países novos, como o nosso, ou velhas civilizações, como a Índia, para países economicamente subdesenvolvidos precisam abrir um caminho novo a fim de libertarem da opressão e da miséria, ou prósperos e poderosos, como os Estados Unidos, este problema da educação e da cultura é uma questão de vida ou de morte. Progredir ou desaparecer. (AZEVEDO, 1958, p.95)

A análise documental e da literatura nos permitiu concluir que esses escolanovistas brasileiros com base das literaturas estrangeiras, consideram a educação junto à economia e

à política com fator importante para o crescimento de um País. A escola não deve ser um elemento isolado da sociedade, mas deve associar-se às novas descobertas para exercer o seu papel de integrar o indivíduo ao novo mundo.

CAPITULO III

AS INFLUÊNCIAS DESSAS LITERATURAS ESTRANGEIRAS ESCOLANOVISTAS NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

3.1 As experiências educacionais das alunas do Instituto de Educação



O fato de pertencer a um grupo de pesquisa, ajudou-me a realizar as últimas etapas deste trabalho de monografia, pois tínhamos que entrevistar ex-normalistas do Instituto de Educação nas décadas de 1930 e 1940, inicialmente objetivando coletar dados para a pesquisa da professora Dayse Hora que investiga sobre Educação, Saúde e Pesquisa. As entrevistas realizadas trouxeram informações tão privilegiadas que abriram novos horizontes, trazendo esclarecimentos para a minha investigação.

Selecionei as entrevistas das professoras Marion Villas Boas, Terezinha Saraiva e Edir, pois ao descreverem suas experiências, as entrevistadas buscaram relatar nos mínimos detalhes o cotidiano do Instituto de Educação. Estes detalhes foram essenciais para os questionamentos do terceiro e quarto objetivos da pesquisa. O terceiro objetivo é identificar quais eram as literaturas recomendadas pelos professores para as alunas do Instituto; e o

quarto objetivo é certificar se a metodologia do Instituto de Educação seguia as orientações dos escolanovistas estrangeiros.

Iniciamos a entrevista perguntando quais foram às disciplinas que elas estudaram na Escola Normal. A professora Marion Villas Boas, que estudou no Instituto de Educação entre 1940 e 1944, descreveu que naquela época o currículo era formado pelas metodologias das disciplinas: Matemática, Ciências, Estudos Sociais, Língua Portuguesa, Higiene, Biologia, Didática e Estágio (denominado na época de Prática de Ensino). Além destas disciplinas, o currículo do Instituto possuía as matérias do curso normal de fundamentos da educação separados em: Sociologia, Psicologia e Filosofia todas aplicadas à Educação.

A professora Terezinha Saraiva, que entrou no Instituto de Educação em 1936, contou que, naquela época, o Instituto era a única escola para formação de professores primários. As normalistas faziam o primeiro ano de ginásio, e depois de complementar, e os restantes eram de formação escolar de professores. O currículo era formado pelas disciplinas de: História Natural, Português e Matemática; e no complementar entrevam matérias de Psicologia Educacional, Biologia e todas as disciplinas voltadas para formação de professores.

A professora Edir, que entrou no Instituto em 1933 e se formou em 1940, relatou que o currículo tinha um sobrecarga na parte de didática o “aprender fazendo”. As disciplinas eram chamadas de Metodologia da Linguagem, Metodologia da Matemática, Metodologia das Ciências. A fundamentação teórica era expressa na: Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, Biologia da Educação. Estas Disciplinas eram fundamentais no sentido de criar uma base científica teórica para chegar à prática pedagógica.

Perguntamos as entrevistadas quais eram os livros recomendados pelos professores para estudo. Marion respondeu que as literaturas recomendadas pelos professores eram na sua maioria as de obras estrangeiras, pois a metodologia adotada pelo Instituto de Educação era as propostas escolanovistas. As traduções destas obras não havia em números suficientes,

portanto o ensino de línguas estrangeiras no Instituto era bastante valorizado, dando uma base aos alunos ^{de} estudarem estas obras no original. No Instituto de Educação de o primário até o normal, os professores aplicavam as bibliografias escolanovistas.

A professora Terezinha Saraiva relatou que as literaturas recomendadas pelos professores eram as bibliografias de Dewey e livros didáticos. Ao lembrar como eram administradas as aulas pelos seus antigos professores, Terezinha afirmou que o conteúdo dado pelo Instituto era excelente, possibilitando a ela uma cultura geral muito grande, dando uma excelente formação acadêmica.

A professora Edir explicou que ~~no~~ Instituto de Educação foi formulado nos moldes da Escola Nova, na reforma de Francisco Campos, idealizada por Anísio Teixeira e professores como Lourenço Filho, Edgar Mendonça, Francisco Venâncio Filho, Maria dos Reis Campos e outros foram inspirados na obra do educador e filósofo americano John Dewey e pedagogos, filósofos e psicólogos tais como: Piaget, Adley, Pestalozzi e Montessori, portanto foram estas obras que eram recomendadas pelos professores.

Perguntamos às professoras se as atividades teóricas eram relacionadas com a prática. Marion explicou que as disciplinas de Anatomia, Biologia, Física e Química, tinham aulas práticas e eram realizadas no laboratório do Instituto. Nas aulas de Anatomia, Biologia eram utilizados uma bancada e um microscópio para cada aluna, quando o professor explicava “*Este tecido que você está vendo aí é o fígado*”, cada um [→] tinha uma lâmina, e o equipamento para acompanhar a aula do professor. Nas aulas de Química, as bancadas eram duplas (para duas alunas) e tinham todos os equipamentos necessários para as experiências. O professor fazia a experiência na hora, junto com os alunos. Nas aulas de Física, também era utilizado o laboratório em grupos de seis, todas as experiências eram feitas no laboratório.

A professora Marion acrescentou a sua resposta relatando que no próprio Instituto tinha um belíssimo museu de História Natural completo, o museu possuía uma seqüência de

desenvolvimento do embrião até os nove meses de gestação para que as alunas pudessem estudar. Tinham também animais, vegetais e um pavimento de geografia para observação.

A professora Terezinha afirmou que a teoria era relacionada com a prática. Nas disciplinas de Química e Biologia as alunas eram dirigidas para o gabinete, e a estrutura era primorosa com tudo que se podia trabalhar: mapas, bibliotecas, globo terrestre; havia um rico material didático, um museu de História Natural e um laboratório especializado.

Outro fato lembrado pela professora Terezinha Saraiva foi a arquitetura do Instituto de Educação, constituído de acordo com as recomendações escolanovistas, pois Anísio Teixeira responsável pela construção, tinha como base as propostas educacionais dos grandes autores da Escola Nova, um deles foi o educador americano John Dewey. A professora descreveu que o local era muito agradável para os alunos.

A professora Edir respondeu que nas disciplinas de Física e Química havia aulas práticas, e nestas atividades era usado o laboratório. Ao falar dos recursos materiais que possuía no laboratório, ela disse que era muito pobre, pois na década de 30 não tinha muita tecnologia.

Como as questões de saúde eram um tema bastante discutido no sistema escolanovista, perguntamos às professoras se as aulas eram relacionadas com as questões de Higiene. Marion respondeu que elas estudavam Anatomia e Biologia em profundidade, incluindo todos os hábitos relacionados à saúde, elas também tinham um curso de Higiene e Puericultura e que no próprio Instituto tinha um Museu de Higiene e Puericultura, que eram compostos por modelos alemães em cera de vários tipos de doenças.

Marion explicou que o motivo de estudar esta matéria era que o professor primário naquela época tinha que diagnosticar se os alunos tinham catapora, sarampo, ou se era surdo. Depois de descoberta a doença o professor encaminhava as crianças para os serviços médicos do Distrito Federal. Todas as coisas relacionadas à saúde, as alunas do Instituto eram

obrigadas a conhecer, porque naquela época não havia médicos na periferia do Distrito Federal do Rio de Janeiro que era dividido em: Centro, Zona Suburbana e Zona Rural⁵. Nestas localidades não havia nenhum tipo de atendimento médico, então tudo era o professor.

A professora Terezinha respondeu que os conteúdos relacionados à saúde eram relacionados com a parte de pedagogia educacional e a formação de professores. Até para entrar no Instituto de Educação, além da prova escrita, as alunas eram submetidas a um exame de saúde. Ela lembrou que a sua mãe colocou fichas de ferro na bainha de sua saia para aumentar o seu peso, pois não tinha o peso necessário para entrar no Instituto.

A professora Edir respondeu que existia esta interação da saúde com a educação no Instituto de Educação. E na escola em que foi trabalhar eram aplicadas as questões de higiene com as atividades educacionais, uma destas atividades era chamada de *Pelotão de Saúde*. Havia a semana dos dentes, onde todo mundo levava a escova e quem não tinha na escola comprava uma; tinha a semana do piolho; semana das mãos; e a semana da postura. De acordo com a professora, ela cuidou muito da postura dos alunos, já que as crianças sentavam com uma vareta nas costas para ficar com a postura reta e ela questiona porque não cuidou de sua própria postura ao dizer que *cuidei muito da postura dos alunos e comigo mesmo não sei porque sou toda torta*.

Concluindo a entrevista perguntamos as nossas entrevistadas se o conteúdo passado no Instituto de Educação foi útil para vida delas. Marion respondeu que os professores do Instituto eram excepcionais, se hoje ela é escritora na área de literatura infantil, é porque teve uma excelente instrução. Ao lembrar dos professores, ela disse que a maneira que ela estudou foi fabuloso, elas estudavam a Gramática ligada à prática da língua.

Para a professora, hoje em dia, a educação não prioriza as reais necessidades dos alunos, pois o conhecimento não é mais questão de sala de aula, porque quando o aluno chega

⁵ Hoje, o antigo Distrito Federal do Rio de Janeiro corresponde ao Município de Rio de Janeiro.

na escola ele já vem com uma carga de informação muito grande, cabe o professor ensinar este aluno a trabalhar esta informação de maneira correta. E esta concepção de ensino não acontece nas salas de aula na opinião de Marion, os professores perdem tempo ensinando gramática sem nenhuma relação com a leitura e a escrita, *“a gramática ela é um resultante, ela é um instrumento para você ler e escrever melhor. Ela em si, não tem valor nenhum”*.

A professora Terezinha Saraiva respondeu esta pergunta falando a seguinte frase. *“Eu sou produto do Instituto de Educação, tudo que aprendi foi no Instituto nunca fiz nenhuma faculdade, o nosso curso no Instituto não ficava nada a dever ao um curso de Pedagogia”*.

A professora Edir respondeu que as atividades pedagógicas eram relacionadas ao interesse do aluno, tendo assim utilidade esse conteúdo com sua prática de trabalho. Ela acrescentou a resposta, nos contando que no colégio em que era assistente da professora da quinta série, tinha que fazer o planejamento da aula, mas a professora ao aplicar este planejamento para os alunos, aplicava de maneira errada. Edir explicou que isto era reflexo da formação desta professora, e que ela sendo apenas uma assistente tinha condições de dar uma aula melhor, e que no Instituto as alunas já saíam prontas para dar aula.

Estas entrevistas proporcionaram uma experiência única para mim e para minhas amigas de pesquisa, pois resgatamos com a ajuda das lembranças dessas senhoras um pouco de nossa história, como foram estruturadas as concepções educacionais que tanto pesquisamos. E a forma que foi estruturado o currículo dessas professoras contribuiu na maneira que elas vêem a sociedade, de uma forma crítica e reflexiva.

Desta forma, a importância de estudar o currículo destas ex-normalistas consiste em analisar como a renovação educacional, proposta pelas literaturas escolanovistas estrangeiras, influenciou a vida destas professoras, e também, como essas obras contribuíram para a renovação das práticas educacionais de nosso País.

3.2 A análise das experiências dessas normalistas com as propostas das obras escolanovistas estrangeiras.



O Instituto de Educação foi o maior centro de formação de professores no país. As futuras professoras eram ensinadas a observar e analisar em profundidade as situações vividas na sua prática educativa, e a refletir sobre os textos recomendados para aprimorar os seus conhecimentos. Foi um dos maiores investimentos da educação, dando um suporte na prática laboratorial que transformava o aluno em pesquisador, e o ensino em técnica e em permanente crítica.

O objetivo neste novo modo de direcionar a preparação do professor, era apoiar o conhecimento científico na instrução do educando, abandonando uma formação de caráter intuitivo em favor da profissionalização para o exercício docente. Formar professores para Anísio Teixeira (1935) era desenvolver-lhes a atitude científica, prepará-los para os desafios da profissão, munindo-os de um saber técnico específico, de um instrumental de análise capaz de subsidiá-los na resolução de problemas práticos. O curso regular de formação do professorado primário no Instituto de Educação pretendia responder a esses imperativos da profissionalização docente.

As entrevistas das professoras confirmaram que no Instituto havia uma grande preocupação em relacionar a educação com questões científicas. No currículo existiam cursos de Saúde, Higiene, Psicologia e Puericultura possibilitando o diagnóstico de problemas físicos e psicológicos de seus futuros alunos. Qualquer atividade contraditória do educando dificultaria a sua capacidade em assimilar os novos conhecimentos transmitidos pelo professor.

A prática do docente deveria ser respaldada pelo conhecimento do corpo e da mente do educando, tendo o professor que se apoiar nas ciências aplicadas. Lourenço Filho enfatizava que:

A ação educativa propriamente dita, pressupõe fins, mas só diz respeito aos meios. É ação, é arte, foge do domínio especulativo para baixar ao terreno prático. Ora, não há arte, - não há agir, não há fazer – que possa prescindir do conhecimento experimental. No momento em que pensamos ou refletimos sobre a educação, a Filosofia estará sempre presente. No momento da ação, já dirigida pela reflexão filosófica, a que já se deu um sentido apelar-se para ciência. (LOURENÇO, 1952,p.81)

O Instituto de Educação funcionava como uma verdadeira escola-laboratório. Os conhecimentos adquiridos nas aulas, eram aplicados nas Escolas Primárias, através das atividades de Prática de Ensino. As futuras professoras costumavam observar os seus alunos, anotando os seus comportamentos e realizando assim inquéritos de pesquisa, investigando os hábitos alimentares das crianças, e aperfeiçoamento técnicas do ensino, por exemplo, da escrita e da leitura.

Este diferencial no ensino ampliou a visão destas professoras sobre a educação, pois as metodologias aplicadas no Instituto eram direcionadas para priorizar as necessidades do aluno. Este tipo de procedimento orienta os alunos a usar o que é ensinado em sua vida.

Os alunos que trabalham ativamente desenvolvem uma personalidade em analisar a realidade que está em sua volta, podendo assim ser um indivíduo atuante e eficaz nas experiências vividas. O professor deixa de ser um orador sujeitando aos seus discípulos a

longas[↑] desinteressantes dissertações, e passa a ser um intérprete inteligente do conhecimento transmitindo.

O outro ponto[↑] ressaltado na entrevista foi à recomendação de bibliografias escolanovistas. No Instituto, o domínio dos dispositivos para introdução de uma nova prática docente, foi à constituição de uma biblioteca para auxiliar na formação de professores. A prioridade da pesquisa bibliográfica como forma de aquisição de conhecimentos, foram programas da Escola de Educação, publicados em 1937, pelos Arquivos do Instituto de Educação, o aproveitamento desse espaço, era desenvolvido varias atividades. Fontenelle explica como era utilizada a biblioteca do Instituto.

Será utilizado, como regra, o trabalho individual dos alunos (estudo fora da classe, por meio de seminários previamente distribuídos, com indicação bibliográfica, ou problemas a resolver em classe, ou pesquisas, bibliográficas e inquéritos especiais) e o trabalho coletivo, sob forma de dissertação e a leitura explicada. (FONTENELLE, 1934, p.298)

Segundo Fontenelli, os professores do Instituto orientavam as normalistas, como exigência para realização das atividades propostas na sala de aula, à observação, pesquisa, inquéritos, seminários e discussão. Era necessário que fosse oferecido a estas alunas acesso a diversas obras como: Decroly, Ferrière, Claparède, Piaget, Pierón, Kerschensteiner, Kilpatrick, Dewey, Gates entre outros.

Desta forma, as propostas escolanovistas diferenciaram o ensino do Instituto. Para as professoras entrevistadas esta instrução minuciosa possibilitou-lhes muitas oportunidades no campo de trabalho. O movimento da Escola Nova foi muito mais do que métodos de ensino, ^{mas} mais sim um desejo de melhorar a educação, evitando a rotina e mantendo uma constante inquietação para encontrar soluções para problemas educacionais.

Adalberto
- um pouco
de...
|

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colocando em discussão os autores estrangeiros mencionados, pode-se afirmar^r que as propostas defendidas por eles são interligadas. As influências que estas obras tiveram nas propostas dos pioneiros brasileiros se completavam, atingindo um único fim que é transformar a escola e torná-la mas inteirada com o mundo que a rodeia.

Nas teorias de Ferrière, o autor defende que a natureza humana tem que ser preservada. Para ele, a escola não deve produzir alunos com valores preestabelecidos, mas sim incentivá-los a analisar os conteúdos que são passados na sala de aula, com isto teremos indivíduos dotados de senso crítico.

Os ensinamentos de Dewey consistem em desenvolver as experiências que o aluno já possui. O seu objetivo é a troca de conhecimento entre o professor e o aluno, tendo assim, uma interação na sala de aula. Dewey fala do ensino informal o qual facilitam a assimilação dos conteúdos passados pelo professor. Essa forma de ensino simplifica o ambiente escolar, que já é muito complexo por si mesmo.

Montessori, já volta suas teorias para estudar a biologia da criança, respeitando o seu desenvolvimento físico e motor, e portanto seu tempo de aprender. Juntar a Biologia com a educação seria uma forma de compreender o aluno como um todo. Os atos infantis seriam atenciosamente analisados com o objetivo de compreender melhor a sua personalidade.

Estas teorias estrangeiras designavam[?] o papel do professor a estimular o educando a ressaltar seu ponto de vista, as suas experiências. As relações com a Biologia e a Psicologia ajudaram a compreender a criança como um todo.

Por meio destas propostas, que foram adaptadas para realidade brasileira pelos educadores Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, desenvolveram um movimento para modernizar a educação, desencadeando uma primeira luta ideológica que

culminaria na publicação do "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional", em 1932 que ajudou a redefinir o papel do Estado na educação.

O Manifesto dos Pioneiros tentava chamar a atenção para a relação entre educação e desenvolvimento, propondo uma unificação de toda a estrutura nacional, da pré-escola à universidade, para acabar com a duplicidade do sistema de ensino, que dividia o ensino primário e profissional, para os pobres e o ensino secundário e superior, para os ricos.

A Constituição progressista de 1934 é considerada uma vitória pelo movimento renovador da "Escola Nova", fruto dos debates iniciados pelos nossos pioneiros escolanovistas. Responsabilizou a União a fixar uma política nacional em matéria de educação nacional e para coordenar e fiscalizar a sua execução, proclamando o ensino primário sendo direito de todos. Tornou o ensino secundário mais democrático e ampliou o total de vagas disponíveis. Se em 1930 havia 40 mil alunos no ensino secundário, em 1936, dois anos depois da nova Constituição seu número elevava-se para 160 mil. Fixou também que a União deveria reservar no mínimo 10% do orçamento anual para a educação, e os Estados 20%.

No Rio de Janeiro, Anísio Teixeira lançou programas de profissionalização. Aumentou as matrículas, mas foi despedido durante uma onda de repressão política. Sob o pretexto de combater o comunismo e de manter a unidade e a segurança nacional, Vargas desfechou golpe, criando o Estado Novo ditatorial, em 1937.

A Constituição autoritária de 1937 ressuscitou a reforma fragmentada. Mas também ampliou o ensino técnico e vocacional, estabelecendo cooperação entre a indústria e o Estado, obrigando as empresas a criarem "escolas de aprendizes" destinadas aos filhos de seus operários e de seus associados. Entre 1942 e 1946 surgiram decretos-leis para restaurar a velha concepção elitista e enciclopedista do ensino secundário.

Em 1949 havia 540 Escolas Normais no país, operadas pelos Estados. A Lei Orgânica do Ensino Primário, promulgada logo após a queda de Getúlio Vargas em 1946, centralizava novamente a supervisão. Foram estabelecidas metas bem definidas para o Curso Normal: a) prover a formação do pessoal docente às escolas primárias; b) habilitar administradores escolares destinados às mesmas; c) desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância.

Atualmente o Brasil venceu o desafio de universalizar o ensino fundamental, com 97% das crianças entre 7 e 14 anos na escola. Mas essa expansão não foi acompanhada pela melhoria no ensino, pois o que está sendo apresentado é o baixo desempenho escolar dos alunos, conforme os indicadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Para agregar qualidade à democratização do ensino é preciso investimento financeiro em ações de apoio ao ensino básico.

A formação do docente, também é uma questão que requer mais investimento. Uma pesquisa feita pela revista Época de 11 de março de 2002 destacou os problemas encontrados pelos professores nas escolas. Os baixos salários e a falta de treinamento e capacitação.

Ultimamente, na educação infantil cerca de 35 mil professores atuam sem magistério, em nível médio. Já entre os educadores de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, 30 mil não têm formação adequada. Em relação às séries finais do ensino médio, são cerca de 200 mil professores sem curso de licenciatura.

Aprimorando a formação do professor é a melhor coisa que o governo pode fazer pela educação, pois os bons resultados obtidos no auge do movimento escolanovista se devem na preparação rigorosa dos docentes, sendo um fator primordial para os pioneiros escolanovistas brasileiros, pois formularam o currículo do Instituto de Educação com um estudo minucioso para as normalistas, relacionando a teoria com a prática, com o intuito de estimular as futuras professoras em observar o aluno como um todo.

Neste sentido concluo que, todas essas propostas de ensino que foram divulgadas por meio das literaturas escolanovistas, desenvolveram no Brasil um outro olhar para educação, cujo objetivo é produzir alunos autônomos que pensem por si mesmos. Como estão interligadas, são encontradas nos projetos educacionais dos pioneiros brasileiros como foi apresentado, tendo assim um grande significado no ensino brasileiro.

As conquistas conseguidas no passado, por meio do movimento escolanovista devem ser exigidas pelo povo brasileiro. Com o objetivo de obrigar os governantes a efetivar uma fiscalização mais eficiente, certificando assim que estas leis sejam cumpridas, pois com o ensino de qualidade a nossa nação fica mais forte. Cidadãos conscientes de seus deveres e direitos desenvolvem uma economia forte e uma política mais completa.

BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Fernando. A cultura Brasileira: Introdução ao estudo da cultura brasileira. 3ª edição São Paulo: Melhoramentos, 1958.
- AZEVEDO, Fernando. A educação e seus problemas 4ª edição São Paulo: Melhoramentos, 1958.
- AZEVEDO, Fernando. A educação na encruzilhada : problemas e discussões. 2ª edição São Paulo: melhoramento, 1960.
- BARBOSA, Ana Mae. O ensino na arte no Brasil. 3ª edição São Paulo: Cortez, 2001.
- DEWEY, John. Vida e educação São Paulo: Melhoramento, 1952.
- FILHO, Lourenço. Introdução ao Estudo da Escola Nova São Paulo: Melhoramentos, 1930.
- FILHO, Lourenço. Testes ABC: para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita São Paulo: Melhoramento, 1952.
- FERRIÈRE, Adolphe. Transformação a Escola. Apelo aos pais e às autoridades São Paulo: Melhoramento, 1920.
- FERRIÈRE, Adolphe. A lei biogenética da Escola Activa São Paulo: Melhoramentos 1929.
- FONTENELLE, J.P. Biologia Educacional Arquivo do Instituto de Educação Distrito Federal : 295-300, mar, 1934.
- MONTESSORI, Maria. A criança. Rio de Janeiro: Internacional Portuária, 1976.
- PAGNI, Pedro Ângelo. Do Manifesto de 1932 à construção de um saber Pedagógico. Rio Grande do Sul : UNIJUÍ, 2000.
- SCHAEFFER , Maria Lúcia. Anísio Teixeira: Formação e primeiras realizações São Paulo: Faculdade de Educação da USP, série estudos e documentos, 1988.

- SOARES, Renato Viana. A Escola Activa Antropofágica que a Revolução de 30 comeu. São Paulo : Lei Rubem Braga Darwin, 1998.
- TEIXEIRA, Anísio. A educação pública: administração e desenvolvimento relatório do Diretor geral do Departamento de Educação do Distrito Federal Dezembro de 1934. Rio de Janeiro: Officina Gráfica do Departamento de Educação, 1935.
- TEIXEIRA, Anísio. Educação não é Privilégio São Paulo Ano: Melhoramento, 1959.
- GUARALDELLI Junior, Paulo. História da educação. São Paulo : Cortez, 1994.
- HAIDT, Regina Célia. Curso de didática geral. São Paulo : Ática, 2003.
- VIDAL, Diana. O Exercício disciplinado do olhar literaturas e práticas e formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal. Universidade de São Paulo, 1995.

ANEXO

Questionário:

1. Quais foram às disciplinas que elas estudaram na Escola Normal?
2. Quais eram os livros recomendados pelos professores para estudo?
3. No Instituto as atividades teóricas eram relacionadas com a prática?
4. As aulas no Instituto eram relacionadas com as questões de higiene?
5. O conteúdo passado no Instituto de Educação foi útil para vida das professoras?



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : GINÍIA MAGON DOS SANTOSTÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : AS LITERATURAS ESCOLANDVISTASDOS GRANDES EDUCADORES BRASILEIROSORIENTADOR : DAYSE MARTINS HORA

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: ANGELA M^a SOUZA MARTINSNota : 10,0 (DEZ)

Considerações:

GINÍIA desenvolveu uma monografia que apresenta uma temática de grande relevância para o pensamento educacional brasileiro. Há poucos estudos sobre a influência dos autores, e

lançamentos nas práticas educativas e no pensamento educacional do Brasil. Seu trabalho está muito bem estruturado e bem fundamentado, apenas precisa uma revisão na digitação. Sendo assim, confira-lhe nota 10,0 (dez). *duff*.

Segundo avaliador :

Professor orientador : LAIS MARTINS HDEA

Nota: 10 (dez)

Considerações:

Cintia fez grandes progressos ao longo do trabalho monográfico e estudou uma parte da história da Educação nem sempre considerada pelos educadores.

Apesar do trabalho realmente, ainda, merecer revisões de digitação e correção na escrita seu grau é dez. *duff*

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Sigia Martha Coelho

Nota : 10,0

Considerações:

O trabalho apresenta os principais elementos de uma monografia. Atentei para a unidade de revisão textual e de ordem bibliográfica nas referências

S. Coelho

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
10	10	10	30	10

Rio de Janeiro, 09/01/2006

(NOME DO/A ALUNO/A)

(TÍTULO DA MONOGRAFIA)

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Claype Martins Hora

Prof. (Nome do professor) – Orientador

Angela Maria Souza Martins

Prof. (Nome do professor/a)

Leilcollin

Prof. (Nome do professor/a)

Rio de Janeiro
2005